

“Uma combinação perspicaz de mistério clássico, sátira e comédia.”

– JACQUELINE WINSPEAR, autora da série Maisie Dobbs

Rhys Bowen

Autora com mais de 6 milhões de livros vendidos



A ESPIÃ DA REALEZA

desvenda o primeiro mistério

A ESPIÃ DA REALEZA

Título original: *Her Royal Spyness*
Copyright © 2008 por Janet Quin-Harkin
Trecho de *O caso da princesa da Baviera* copyright © 2008 por Janet Quin-Harkin
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Livia Marina Koeppl
preparo de originais: Cláudia Mello
revisão: Carolina Rodrigues e Taís Monteiro
diagramação: Natali Nabekura
capa: Rita Frangie
imagem de capa: laurencewhiteley.com
adaptação de capa: Gustavo Cardozo
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B782e

Bowen, Rhys

A espiã da realeza / Rhys Bowen ; [tradução Livia Marina Koeppl]. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2022.
272 p. ; 23 cm. (A espiã da realeza ; 1)

Tradução de: Her royal spyness

Continua com: O caso da princesa da Baviera

ISBN 978-65-5565-270-3

1. Ficção inglesa. I. Koeppl, Livia Marina. II. Título. III. Série.

21-74847

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Notas e agradecimentos



ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. Embora algumas figuras históricas reais façam aparições especiais neste livro, Georgie, seus amigos e sua família existem apenas na minha cabeça de escritora. Tentei fazer com que os personagens da realeza não tivessem nenhum comportamento inadequado e desempenhassem seu papel com precisão.

Gostaria de agradecer àqueles que me forneceram informações valiosas e críticas gentis: minhas colegas Jane Finnis e Jacqueline Winspear, também escritoras de mistério; meu marido, John (que sabe quem fez o quê e quem é quem); minhas filhas Clare e Jane; e minha torcida, composta pelas minhas maravilhosas agentes Meg e Kelly.

Agradeço também a Marisa Young por emprestar seu nome a uma debutante inglesa.

Um



Castelo de Rannoch
Perthshire, Escócia
Abril de 1932

HÁ DUAS DESVANTAGENS EM SER um membro menor da realeza.

Em primeiro lugar, as pessoas esperam que você se comporte como condiz a um membro da família real, mas sem ter os meios para fazê-lo. Espera-se que você beije bebês, inaugure feiras, faça aparições em Balmoral (usando um kilt) e carregue caudas de vestidos de noiva. Ter um emprego comum não é visto com bons olhos. Não se pode trabalhar no balcão de cosméticos da Harrods, por exemplo, como eu estava prestes a descobrir.

Quando me arrisco a apontar a injustiça da situação, eu me lembro do segundo item da minha lista. Parece que o único destino aceitável para uma jovem da casa de Windsor é se casar com alguém de uma das inúmeras casas reais que ainda existem espalhadas pela Europa, embora haja poucos monarcas governantes hoje em dia. Pelo visto, até mesmo uma Windsor menor como eu é uma mercadoria desejável para aqueles que almejam uma tênue aliança com a Grã-Bretanha nesses tempos instáveis. Sou sempre lembrada de que é meu dever arrumar um bom casamento com um membro real europeu meio lunático, fraco, dentuço, sem queixo e totalmente horroroso, consolidando assim os laços com um potencial inimigo. Minha prima Alex fez isso, coitada. Aprendi com seu trágico exemplo.

Suponho que eu deva me apresentar antes de continuar. Meu nome é

Victoria Georgiana Charlotte Eugenie, filha do duque de Glen Garry e Rannoch – mais conhecida por meus amigos como Georgie. Minha avó era a menos atraente das filhas da rainha Vitória e, em consequência, não conseguiu fisgar um Romanov nem um kaiser, e sou imensamente grata por isso e espero que ela também tenha sido. Em vez disso, ela foi amarrada a um barão escocês enfadonho que foi subornado com um ducado para tirá-la das mãos da velha rainha. No devido tempo, ela foi obediente e gerou meu pai, o segundo duque, antes de sucumbir a uma dessas doenças causadas pela consanguinidade e pelo excesso de ar puro. Eu nunca a conheci. Também não conheci meu assustador avô escocês, embora os criados digam que seu fantasma assombra o Castelo de Rannoch tocando gaita de fole nas muralhas (o que em si é estranho, já que ele não sabia tocar gaita de fole em vida). Na época em que nasci no Castelo de Rannoch – a residência da família ainda menos confortável do que Balmoral –, meu pai tinha se tornado o segundo duque e estava ocupado cuidando da fortuna da família.

Ele, por sua vez, tinha cumprido seu dever e se casado com a filha de um conde inglês terrivelmente correto. Ela deu à luz meu irmão, olhou para o cenário desolador das Terras Altas à sua volta e morreu no mesmo instante. Tendo assegurado um herdeiro, meu pai fez o impensável e se casou com uma atriz – minha mãe. Jovens como seu tio Bertie – que mais tarde seria o rei Eduardo VII – podiam ter casos com atrizes e eram até encorajados a isso, mas nunca a se casar com elas. Entretanto, como minha mãe era da Igreja Anglicana e vinha de uma família britânica respeitável apesar de humilde, em uma época em que as nuvens tempestuosas da Grande Guerra se formavam na Europa, o casamento foi aceito. Minha mãe foi apresentada à rainha Mary, que a declarou extraordinariamente civilizada para alguém de Essex.

O casamento não durou. Mesmo aqueles com menos energia e graça que minha mãe não conseguiam tolerar o Castelo de Rannoch por muito tempo. O sussurro do vento entrando pelas vastas chaminés e o papel de parede xadrez no banheiro conseguiam causar depressão ou mesmo insanidade quase instantânea. Foi incrível ela ter aguentado tanto tempo. Creio que, a princípio, a ideia de ser duquesa a atraiu. Ela só decidiu fugir em disparada quando percebeu que ser casada com um duque significava passar metade do ano na Escócia. Eu tinha dois anos na época. Sua primeira fuga foi

com um jogador de polo argentino. Muitas outras vieram depois, é claro. Teve o piloto de corrida francês, morto de maneira trágica em Monte Carlo, o produtor de cinema americano, o explorador arrojado e, nos últimos tempos, pelo que eu soube, um industrial alemão. Eu a vejo vez ou outra, quando ela dá uma passadinha em Londres. Está cada vez mais maquiada e com chapéus mais exóticos e caros, tentando desesperadamente transmitir aquela aparência jovial que fazia os homens brigarem por ela. Trocamos dois beijinhos na bochecha e conversamos sobre o tempo, roupas e minhas perspectivas de casamento. É como tomar chá com uma desconhecida.

Por sorte, tive uma ótima babá, então minha infância no Castelo de Rannoch foi solitária, mas não tão terrível. De vez em quando, me despachavam para ficar com minha mãe, quando ela estava casada com alguém adequado e morando em uma parte salubre do mundo, mas a maternidade não era seu forte, e ela raramente ficava no mesmo lugar por muito tempo, de modo que o Castelo de Rannoch acabou se tornando o meu porto seguro, o lar que eu conhecia e no qual confiava, mesmo sendo lúgubre e solitário. Meu meio-irmão, Hamish (mais conhecido como Binky), foi enviado àquele tipo de internato em que banhos frios e corridas ao amanhecer são o procedimento padrão para moldar os futuros líderes do império, então eu mal o conhecia também. Nem meu pai, na verdade. Após a muito alardeada fuga da minha mãe, ele foi acometido por um grande desânimo e passou a flunar pelas tabernas da Europa, perdendo cada vez mais dinheiro nas mesas de Nice e Monte Carlo até a infame quebra da bolsa de 1929. Quando soube que havia perdido o que restava de sua fortuna, meu pai se embrenhou num bosque e se suicidou com a espingarda de caça, embora ainda se especule como ele conseguiu fazer isso, já que nunca teve muito jeito com armas.

Lembro de tentar sentir a perda quando me deram a notícia na Suíça. Eu só tinha uma vaga imagem de como ele era. Sentia falta da noção de ter um pai, de saber que ele estaria lá para me proteger e dar conselhos quando fosse necessário. Foi alarmante perceber que, aos 19 anos, eu estava por conta própria.

Binky se tornou o terceiro duque, casou-se com uma jovem sem graça de pedigree impecável e herdou o Castelo de Rannoch. Enquanto isso, fui enviada a uma escola de etiqueta e boas maneiras na Suíça, onde me diverti demais e convivi com as filhas malcriadas dos ricos e famosos. Aprendemos

a falar um francês razoável e quase mais nada além de oferecer jantares, tocar piano e caminhar com boa postura. As atividades extracurriculares incluíam fumar atrás do galpão de jardinagem e pular o muro para encontrar os instrutores de esqui na taberna local.

Felizmente, alguns membros mais ricos da família ajudaram a arcar com as despesas da minha educação e permitiram que eu ficasse lá até ser apresentada à corte na minha temporada. Para quem não sabe, toda jovem de boa família tem sua temporada – uma série de bailes, festas e outros eventos esportivos nos quais ela debuta na sociedade e é apresentada à corte. É uma forma educada de anunciar: “Aqui está ela, rapazes. Agora, pelo amor de Deus, alguém a peça em casamento e a leve daqui.”

“Temporada”, na verdade, é uma palavra grandiosa demais para a série de eventos deprimentes que culminaram em um baile no Castelo de Rannoch durante a temporada de caça a perdizes. Os rapazes vieram caçar e à noite estavam todos cansados demais para dançar. De qualquer maneira, poucos conheciam as danças típicas das Terras Altas que eram esperadas no Castelo de Rannoch, e o som das gaitas de fole ecoando ao amanhecer na torre norte fez com que vários jovens lembrassem que tinham compromissos urgentes em Londres. É desnecessário dizer que nenhuma proposta de casamento adequada foi feita e, portanto, com a idade de 21 anos, eu me vi presa no Castelo de Rannoch, sem a menor ideia do que fazer pelo resto da vida.

Dois



Castelo de Rannoch
Segunda-feira, 18 de abril de 1932

EU QUERIA SABER QUANTAS PESSOAS tiveram experiências transformadoras enquanto estavam no banheiro. Devo mencionar que os banheiros do Castelo de Rannoch não são os cubículos que encontramos nas casas comuns. São lugares vastos e cavernosos, com teto alto, papel de parede xadrez e um encanamento que assobia, geme, tilinta e é famoso por ter causado mais de um ataque cardíaco, além de acessos momentâneos de insanidade, a ponto de certa vez um convidado ter saltado de uma janela aberta do banheiro para o fosso. Também devo acrescentar que as janelas estão sempre abertas. É uma tradição do Castelo de Rannoch.

Nos melhores momentos, a construção não é o lugar mais encantador do mundo. Situa-se sob um impressionante penhasco preto, no promontório de um lago obscuro, protegido dos piores vendavais por uma floresta de pinheiros escura e sombria. Nem mesmo o poeta Wordsworth, convidado a visitar a construção durante suas andanças, encontrou alguma coisa a dizer sobre o local, exceto por um dístico rabiscado em uma folha de papel encontrada no cesto de lixo.

*Do alto de uma colina terrível, à beira de um lago sepulcral
Abandona toda a esperança quem visita este local.*

E o clima também não era dos melhores. Em abril, no resto do mundo há uma profusão de narcisos, buquês de flores e chapéus de Páscoa. No Castelo de Rannoch nevava – não era aquele pozinho de neve adorável que se vê na Suíça, mas uma neve molhada, pesada e lamacenta que grudava na roupa e congelava a pessoa em segundos. Eu ficava dias sem sair de casa. Meu irmão, Binky, por ter sido condicionado a fazê-lo no internato, insistia em realizar suas caminhadas matinais pela propriedade e chegava em casa parecendo o abominável homem das neves – o que fazia seu filho Hector, carinhosamente conhecido como Podge, fugir correndo, gritando pela babá.

Era o tipo de clima para se aconchegar com um bom livro ao lado de uma lareira crepitante. Infelizmente, minha cunhada, Hilda, conhecida como Fig, estava tentando economizar e só permitia um pedaço de lenha de cada vez na lareira. Claro que era uma falsa economia, como demonstrei em várias ocasiões. Os vendavais derrubavam árvores todos os dias. Mas Fig era obcecada por economizar. Era uma época difícil para todos, e tínhamos que dar um bom exemplo às classes inferiores. Esse exemplo incluía mingau no desjejum, em vez de bacon e ovos, e até feijões cozidos na ceia antes de dormir. *A vida é cruel*, escrevi em meu diário. Ultimamente, eu passava muito tempo escrevendo no diário. Sabia que devia estar fazendo alguma coisa. Eu estava me coçando para fazer alguma coisa, mas, como minha cunhada me lembrava o tempo todo, um membro da família real, por mais inferior que seja, tem o dever de não decepcionar a família. Seu olhar parecia dizer que eu ficaria grávida ou dançaria nua no gramado se fosse para Woolworths desacompanhada. Aparentemente, meu dever era esperar até que alguém encontrasse um marido adequado para mim. Não é um pensamento feliz.

Eu não saberia dizer por quanto tempo teria que esperar pacientemente até meu destino ser selado se não estivesse sentada no banheiro em uma tarde de abril, tentando me proteger do pior da nevasca incessante que entrava pela janela com um exemplar da revista *Horse and Hound*. Percebi vozes que se sobrepunham ao gemido do vento. Pela natureza excêntrica do encanamento do Castelo de Rannoch, instalado muitos séculos depois de sua construção, era possível escutar conversas que vinham de muitos andares abaixo. Esse fenômeno provavelmente contribuía para os delírios e ataques que acometiam até mesmo os mais sensatos dos nossos convidados. Cresci com ele e usei-o a meu favor durante toda a vida, descobrindo

muitas coisas que jamais deveriam ter chegado aos meus ouvidos. Contudo, para um visitante perdido em contemplanções no banheiro e encarando alternadamente, horrorizado, os rochedos escuros lá fora e o papel de parede xadrez ali dentro, as vozes ecoantes que saíam com estrondo dos canos eram suficientes para fazê-lo perder a cabeça.

– O que a rainha quer que façamos?

Isso foi suficiente para me animar e chamar minha atenção. Eu sempre ansiava por ouvir mexericos sobre nossos parentes reais, e Fig tinha dado um gritinho estarecido, algo que ela não costumava fazer.

– É só um fim de semana, Fig.

– Binky, não quero que esse palavreado americano horrível faça parte do nosso vocabulário. Daqui a pouco você vai ensinar o Podge a dizer essas coisas.

– Deus me livre, Fig. É que “fim de semana” define tão bem a ideia, não acha? Quer dizer, que outra expressão nós temos que englobe a sexta, o sábado e o domingo?

– Ela implica que somos escravos de uma semana de trabalho, e não somos. Mas não tente mudar de assunto. Acho que foi muito grosseiro da parte de Sua Majestade.

– Ela só está tentando ajudar. Georgie precisa fazer alguma coisa.

Redobrei minha atenção nesse momento.

– Concordo que ela não pode passar o resto da vida amuada por aqui, fazendo palavras cruzadas. – A voz aguda de Fig ecoou de um jeito alarman-te, fazendo um dos canos gemer. – Mas, por outro lado, ela poderia ser útil com o pequeno Podge. Só precisaríamos contratar uma governanta quando ele fosse para a escola preparatória. Devem ter ensinado alguma coisa a ela naquele estabelecimento ridiculamente caro na Suíça.

– Você não pode usar minha irmã como governanta não remunerada, Fig.

– Todo mundo tem que dar sua contribuição hoje em dia, Binky, e, fran-camente, ela não está muito ocupada, está?

– O que você espera que ela faça? Sirva canecas de cerveja no bar?

– Não seja ridículo. Também quero ver sua irmã bem encaminhada e feliz. Mas me dizer que tenho que convidar um príncipe para uma festa em casa, na esperança de empurrá-lo para Georgiana... sério, isso é demais, até mesmo para Sua Majestade.

Nesse instante, coleei os ouvidos aos canos. O único príncipe que me

veio à mente foi meu primo David, de Gales. Ele certamente era um bom partido, alguém que eu não pensaria em recusar. Muito mais velho do que eu, é verdade, e não muito alto, mas espirituoso e um dançarino esplêndido. E gentil. Por ele, eu até estaria disposta a usar sapatos de salto baixo pelo resto da vida.

– Na minha opinião, é muito dinheiro investido em uma causa perdida.

– Era a voz aguda de Fig mais uma vez.

– Eu não chamaria Georgie de causa perdida. Ela é linda. Talvez um pouco alta demais para a maioria dos rapazes e um pouco desajeitada, mas é saudável, tem bons ossos e não é burra. Ela é muito mais inteligente do que eu, para dizer a verdade. Vai ser uma esposa excelente para o homem certo.

– Ela recusou todos os pretendentes que encontramos para ela até agora. O que o faz pensar que ela se interessaria por esse Siegfried?

– O fato de ele ser príncipe e herdeiro do trono.

– Que trono? O último rei foi assassinado.

– Há rumores sobre o restabelecimento da família real em um futuro próximo. Siegfried é o próximo na linha de sucessão.

– A família real não vai durar tempo suficiente para ele chegar ao trono. Todos vão ser assassinados de novo.

– Chega, Fig. E não precisamos falar sobre isso com Georgie. Sua Majestade pediu, e não se pode recusar um pedido de Sua Majestade. É só uma festa simples em casa. Para o príncipe Siegfried e alguns conhecidos ingleses dele. Jovens suficientes para Georgie não desconfiar de imediato dos nossos planos.

– É um plano caro, Binky. Você sabe que esses jovens bebem demais. E nessa época do ano nem podemos oferecer aves para eles treinarem a mira. Nem uma caçada. O que vamos fazer com eles o dia todo? Duvido que esse Siegfried goste de escalar montanhas.

– Vamos dar um jeito. Afinal, eu sou o chefe da família. Cabe a mim ver minha irmã bem encaminhada.

– Ela é sua meia-irmã. Deixe que a mãe de Georgie encontre alguém para ela. Deus sabe que ela tem pretendentes suficientes entre a gentilha, e a maioria deles é milionária.

– Agora você está sendo maldosa, Fig. Por favor, responda a Sua Majestade dizendo que vamos ficar encantados em organizar a festa em nossa casa em um futuro próximo.

As vozes saíram do alcance. Fiquei parada na janela do banheiro, indiferente à neve que caía em mim. O príncipe Siegfried da Romênia, entre todas as pessoas. Eu o conheci quando estudava em Les Oiseaux, a escola de etiqueta e boas maneiras na Suíça. Ele me pareceu um sujeito inexpressivo, com olhos esbugalhados, um aperto de mão frouxo e uma expressão que indicava um mau cheiro perpétuo sob o nariz. Quando fomos apresentados, ele bateu os calcanhares e murmurou “*Enchanté*” de um modo que fez com que eu sentisse que a honra tinha sido concedida a mim, não o contrário. Desconfiei que ele ficaria tão encantado em me ver de novo quanto dessa primeira vez.

– Está na hora de agir! – gritei para a tempestade.

Eu não era mais menor de idade. Podia ir aonde quisesse sem acompanhante, tomar minhas próprias decisões e escolher a vida que eu queria. Eu não era a primeira nem a segunda herdeira, só a trigésima quarta na linha de sucessão ao trono. Como uma mera mulher, jamais poderia herdar o ducado nem o Castelo de Rannoch, mesmo que Binky não tivesse gerado um filho. Eu não ia ficar nem mais um minuto ali sentada, esperando que decidissem meu futuro. Eu ia conhecer o mundo e escolher o meu próprio destino.

Bati a porta do banheiro e segui pelo corredor até meu quarto, onde surpreendi minha criada pessoal pendurando minhas blusas recém-engomadas no armário.

– Por favor, pode procurar o meu baú no sótão, Maggie? – pedi. – E separe roupas adequadas para a cidade. Vou para Londres.

Esperei até que Binky e Fig estivessem tomando chá no grande salão e entrei praticamente levitando. Na verdade, não era difícil entrar levitando em nenhum aposento do Castelo de Rannoch, já que o vendaval uivava pelos corredores e fazia as tapeçarias tremularem. Binky estava de costas para a lareira, impedindo que o calor do único pedaço de lenha que queimava chegasse ao resto da sala. O nariz de Fig estava azul o suficiente para combinar com seu sangue. Percebi que ela mesma manjava o bule, em vez de deixar Ferguson, a copeira, servir o chá.

– Ah, Georgie, aí está você – disse meu irmão com entusiasmo. – Como foi seu dia? O tempo está medonho lá fora. Você não foi passear, não é?

– Eu não seria tão cruel com meu cavalo – respondi, erguendo a tampa de prata sobre um dos pratos. – Torrada – murmurei, decepcionada. – Estou vendo que hoje não temos bolinhos.

– Por economia, Georgiana – disse Fig. – Não podemos comer bolinhos se o resto do mundo não consegue pagar por eles. Não seria certo. Deus sabe que nós mesmos mal poderemos arcar com esse tipo de luxo por muito tempo. Se não tivéssemos vacas leiteiras, teríamos que comer margarina em vez de manteiga.

Percebi que ela espalhava uma quantidade generosa de geleia de groselha preta da loja mais cara de Londres na torrada, mas, sabiamente, não falei nada. Em vez disso, esperei até ela ter dado uma boa mordida para dizer:

– Vou passar um tempo em Londres se vocês estiverem de acordo.

– Em Londres? Quando? – perguntou Fig, fitando-me furiosa com os olhinhos penetrantes.

– Pensei em ir amanhã. Se não tivermos sido soterrados pela neve.

– Amanhã? – perguntou Binky. – Não é um pouco súbito?

– Sim, por que não falou nada sobre isso antes? – acrescentou Fig.

– Só tive a ideia hoje – respondi, concentrando-me em espalhar manteiga na torrada. – Uma das minhas colegas mais queridas da escola vai se casar e quer que eu a ajude com os preparativos do casamento. E, como não estou fazendo nada de útil aqui, achei que deveria apoiá-la nesse momento de estresse. Baxter pode me levar de automóvel até a estação, não é?

Eu tinha inventado essa história na escada. Estava muito orgulhosa dela.

– Isso é muito inconveniente, Georgie – disse Binky.

– Inconveniente? Por quê? – perguntei, fitando-o com olhos inocentes.

– Bem, sabe, é que... – Ele se virou para Fig em busca de inspiração, depois continuou: – Estávamos planejando uma pequena festa aqui em casa. Convidar gente jovem para entretê-la. Percebemos que deve ser muito enfadonho ficar presa aqui com um casal de velhos como nós, sem bailes ou diversões.

Fui até ele e dei-lhe um beijo na bochecha.

– Você é um amor por pensar em mim, Binky. Mas não posso deixar que gaste um tostão comigo. Não sou mais criança. Sei que o dinheiro está curto e que você teve que pagar aquele valor absurdo do imposto sobre a herança da propriedade.

Dava para perceber que Binky estava muito agoniado de indecisão. Ele sabia que Sua Majestade esperava que o pedido dela fosse atendido, e agora eu estava prestes a escapar. Ele não podia me dizer por que queria que eu ficasse, porque era segredo. Fazia tempo que eu não me divertia tanto.

– Não precisa se preocupar comigo – falei. – Vou conhecer os jovens de Londres, ajudar uma amiga e seguir com a vida. Posso ficar na Rannoch House, certo?

Vi que Fig e Binky se entreolharam rapidamente.

– Na Rannoch House? – perguntou Fig. – Você quer abrir a Rannoch House só para você?

– Não preciso da casa inteira – respondi. – Só do meu quarto.

– Não podemos dispensar uma criada para ir com você – disse Fig. – Já estamos com o mínimo de empregados. Na última temporada de caça, Binky mal conseguiu reunir batedores suficientes. E Maggie jamais deixaria a mãe inválida para ir a Londres com você.

– Tudo bem – falei. – Não quero levar uma criada. Eu nem pretendo ligar o aquecimento central.

– Mas, se você vai ajudar essa garota nos preparativos do casamento, não vai se hospedar com ela? – perguntou Fig.

– Em algum momento. Mas ela ainda não chegou do continente.

– A garota é do continente? Não é inglesa?

Fig parecia horrorizada.

– Nós não somos ingleses – apontei. – Eu e Binky, pelo menos. Somos parte escoceses com uma boa dose de sangue alemão.

– Vou corrigir o que eu disse. Vocês foram criados para serem britânicos. Essa é a grande diferença. Essa garota é estrangeira?

Fiquei morrendo de vontade de inventar uma misteriosa condessa russa, mas estava frio demais para meu cérebro reagir com rapidez.

– Ela estava morando no exterior – falei. – Para cuidar da saúde. Ela é bem frágil.

– Eu me pergunto, então, como foi que um pobre rapaz quis se casar com ela – disse Binky com sinceridade. – Parece que ela não vai ser muito boa em gerar um herdeiro.

– Ele a ama, Binky – respondi, defendendo minha heroína fictícia. – Algumas pessoas se casam por amor, sabia?

– É, mas não na nossa classe social – retrucou Binky com tranquilidade.

– Cumprimos nosso dever. Casamos com alguém adequado.

– Gosto de pensar que o amor vem com o tempo, Binky – disse Fig, com um tom frio.

– Se a pessoa der sorte, Fig. Como nós dois.

Ele não era tão burro quanto parecia, concluí. Era desprovido de malícia, tinha necessidades simples, prazeres simples, mas definitivamente não era burro.

Fig conseguiu até esboçar um sorriso.

– Você vai precisar tirar sua tiara do cofre? – perguntou ela, voltando às questões práticas.

– Acho que não é um casamento para se usar uma tiara – respondi.

– Então não vai ser na igreja de St. Margaret?

– Não, vai ser uma cerimônia pequena. Já falei que a noiva tem uma saúde frágil.

– Então será que ela precisa mesmo de ajuda com os preparativos? Qualquer um pode organizar um casamento simples.

Fig deu outra grande mordida na torrada com geleia.

– Ela pediu minha ajuda e vou atendê-la, Fig – retruquei. – Só estou atrapalhando aqui e, quem sabe, posso até conhecer alguém em Londres.

– Sim, mas como você vai se virar sem criados?

– Vou contratar uma garota local para cuidar de mim.

– Verifique bem as referências – disse Fig. – Essas garotas de Londres não são confiáveis. E deixe a prataria trancada.

– Provavelmente não vou precisar da prataria – respondi – Só vou usar a casa para ter um lugar para dormir algumas noites.

– Bem, suponho que, se você tem que ir, pode ir. Mas vamos sentir demais a sua falta, não é, Binky?

Binky abriu a boca para dizer algo, mas mudou de ideia e depois falou:

– Vou sentir sua falta, irmãzinha.

Foi a coisa mais gentil que ele me disse em toda a vida.

FIQUEI SENTADA OLHANDO PELA JANELA DO TREM enquanto seguíamos para o sul, vendo o inverno derreter e se transformar em uma gloriosa primavera. Havia novos cordeiros brancos nos campos e as primeiras primulas surgiam nas encostas. Minha empolgação aumentou quando nos aproximamos de Londres. Eu estava sozinha, sozinha de verdade, pela primeira vez na vida. Pela primeira vez, eu ia tomar minhas próprias decisões,

planejar meu próprio futuro – fazer alguma coisa. No momento, eu não tinha ideia do que faria, mas me lembrei que estávamos na década de 1930. As moças podiam fazer mais do que bordar, tocar piano e pintar aquarelas. E Londres era uma cidade grande, repleta de oportunidades para uma jovem brilhante como eu.

A bolha de entusiasmo estourou quando cheguei à Rannoch House. Nos arredores de Londres, começara a garoar e, quando cheguei à estação de King's Cross, já caía um temporal. Havia homens de aspecto miserável em filas para conseguir uma sopa no refeitório público ao longo da Euston Road, e mendigos em cada esquina. Desci do táxi e entrei em uma casa tão fria e triste quanto o Castelo de Rannoch. A Rannoch House ficava no lado norte da Belgrave Square. Eu me lembrava da casa como um lugar movimentado e alegre, com pessoas entrando e saindo, indo a teatros, jantares ou fazendo compras. Agora estava mais fria do que um túmulo, vazia e com os móveis envoltos em lençóis. Tive a constatação de que era a primeira vez, em toda a vida, que eu estava sozinha em uma casa. Virei-me e fitei a porta da frente, ao mesmo tempo com medo e empolgada. Será que eu tinha sido tola de ir a Londres sem ninguém para me acompanhar? Como ia me virar sozinha?

Vou me sentir melhor depois de um bom banho e uma xícara de chá, pensei. Subi até meu quarto. A lareira estava vazia, e o fogo, apagado. Eu precisava de uma chama para me animar, mas não tinha ideia de como acendê-la. Na verdade, nunca tinha visto alguém acender uma lareira. Eu sempre acordava com um alegre fogo crepitante, sem nunca ter visto a criada que entrava sorrateiramente no quarto às seis da manhã para acendê-lo. Fig esperava que eu contratasse uma empregada para fazer todo o trabalho, mas eu não tinha dinheiro para isso, então teria de aprender a fazer as coisas por conta própria. Mas eu realmente não acreditava que conseguiria aprender a acender uma lareira naquele momento. Estava cansada, exaurida da viagem e com frio. Fui ao banheiro e comecei a preparar meu banho. Só quando havia uns quinze centímetros de água dentro da banheira eu percebi que jorrava água fria de ambas as torneiras. A caldeira obviamente tinha sido desligada, e eu não tinha ideia de como era uma caldeira ou como eu poderia fazê-la funcionar. Comecei a questionar seriamente a minha partida repentina. Se eu tivesse esperado e planejado melhor, teria conseguido

um convite de alguém que morasse em uma casa aconchegante e confortável, com criados para preparar o banho e fazer o chá.

Agora nas profundezas da escuridão, desci de novo e enfrentei a porta que levava à escada que descia até a parte da casa reservada aos serviçais. Lembrei-me de ter ido lá quando criança e de ter me sentado em um banquinho enquanto a Sra. McPherson, nossa cozinheira, me deixava raspar a tigela do bolo ou cortar os biscoitos de gengibre. A grande cozinha quase subterrânea estava impecável, fria e vazia. Encontrei uma chaleira e até um acendedor e uma tira de papel para acender o gás. Sentindo um grande orgulho, fervei um pouco de água. Até encontrei uma lata de chá. É claro que nesse momento percebi que não havia leite e que não haveria a menos que eu contatasse o leiteiro. O leite era deixado na porta. Isso eu sabia. Vasculhei a despensa e descobri um pote de patê Bovril. Então, em vez do chá, preparei uma xícara de patê diluído em água quente, acompanhado de alguns biscoitos Jacobs, e fui para a cama. *Tudo vai parecer melhor pela manhã*, escrevi no diário. *Dei os primeiros passos de uma nova e emocionante aventura. Pelo menos estou livre da minha família pela primeira vez na vida.*

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

